

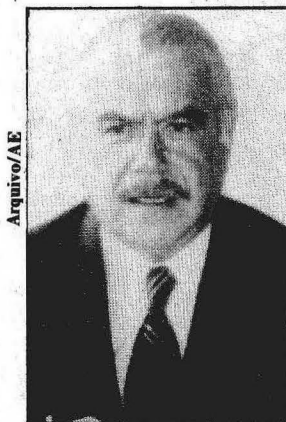
O prêmio desta vez é dos adversários

O TSE fechou a porta da esperança presidencial ao animador de auditório Sílvio Santos, tirando a sucessão do baú de instabilidade em que se meteu a partir da negociata com a legenda do PMB, a menos de 15 dias da eleição. Com a gongada sofrida por Sílvio Santos, o auditório eleitoral agora se divide entre vitoriosos e derrotados.

Quem ganha:

Roberto Marinho — O dono da maior rede de televisão brasileira livrou-se do risco de ter que pedir audiência ao campeão absoluto do segundo lugar, seu concorrente Sílvio Santos, com quem vai continuar brigando apenas no Ibope. Marinho jogou duro para que Sílvio Santos não viesse aí e, para não perder o futuro presidente, chegou ao extremo de romper com o atual, José Sarney.

Fernando Collor de Mello — Líder disparado de todas as pesquisas, o candidato da coligação PRN-Rede Globo começou a perder pontos nas pesquisas de forma acelerada na medida em que consolidava a alternativa Sílvio Santos, mais forte que ele nas camadas populares do eleitorado. A simples aparição de Sílvio, quebrando a mística de invencível do "caçador de marajás", provocou estragos indelévels na votação de



Sarney



Gugu



Resek



Gadelha



Napoleão



Lobão

Collor, mas também ajudou-o a acertar o foco da campanha: liberou Collor para um ataque frontal ao padrinho envergonhado de Sílvio, o presidente Sarney.

Tribunal Superior Eleitoral — O TSE reafirma a credibilidade e o respeito da Justiça, passando a vassoura num negócio partidário que ameaçava enlamear a primeira eleição direta para presidente em 29 anos. E mostra o rigor e independência com que os sete ministros da Suprema Corte Eleitoral do país vão agir na apuração e contagem dos votos deste pleito em dois turnos.

Antônio Carlos Magalhães — O ministro das Comunicações ajudou a melar a planejada renúncia de Aureliano Chaves, ar-

quitetada por seus adversários dentro do PFL, vazando o plano pela Rede Globo e deixando exposto o plano para Sílvio Santos ocupar o baú da Frente Liberal no horário gratuito da TV. O amigo Sarney não pode reclamar, pois a decisão é do TSE. O amigo Roberto Marinho só pode agradecer, pois o candidato dos dois (Collor) ganha novo fôlego.

Esquerda — os dois nomes mais fortes da esquerda, Lula e Brizola, compartilham a alegria desse momento com quem não vota neles — Roberto Marinho, por exemplo. Os candidatos do PT e do PDT corriam o risco de caírem no primeiro turno, deixando a disputa final entre Collor e Sílvio Santos. O animador da

TVS ameaçava invadir áreas populares hoje loteadas entre brizolistas e petistas. Um deles, Lula ou Brizola, volta a ter chances de passar para o segundo turno.

Orestes Quércia — a candidatura de Sílvio Santos produziria um terremoto na área do quercismo soterrando as pretensões de Quércia na eleição estadual de 90 e na presidencial de 94. Numa área já congestionada por tantos nomes paulistas, Sílvio Santos era só o que faltava. O governador de São Paulo, mais do que ninguém, respira aliviado.

Quem perde:

José Sarney — depois de três choques econômicos fracassados, o presidente tenta um choque po-

lítico — e sai eletrocutado. Insiste em esconder a evidência de suas manobras, nos bastidores, para levantar o balão de Sílvio Santos, mais preocupado com os meandros da sucessão na província do Maranhão do que o complexo labirinto da eleição presidencial do Brasil. Ficou sem candidato (Sílvio), perdeu um amigo (Roberto Marinho) e reforçou um inimigo (Collor).

TVS — A campeã absoluta do segundo lugar continua no segundo lugar. Segunda maior rede do país, em faturamento e em audiência, a TVS conseguiria o que nem a Globo conseguiu: colocar o seu dono na cadeira de presidente da República. Mas, quem procura, acha.

Gugu Liberato — O loiríssimo animador do "Viva a Noite" continuará sendo o vice de Sílvio Santos. Não foi para o trono e deverá continuar comandando apenas o "Cidade contra Cidade", já que Sílvio Santos não conseguiu levar avante seu programa de governo no auditório do "TSE" contra PMB.

Os Três Porquinhos — O trio mais desastrado da cena política brasileira, os senadores Hugo Napoleão, Edison Lobão e Marcondes Gadelha, rolou na lama e não conseguiu convencer a Justiça e a opinião pública de que suas artimanhas políticas eram limpas. Tentou renunciar Aureliano Chaves e tentou eleger Sílvio Santos. Fracassou nas duas, num final contrário à lenda infantil e nada recomendável para crianças.

Mailson da Nóbrega — Apesar de votar em Mário Covas, o ministro da Fazenda perde com a derrota de Sílvio Santos. A ameaça de Lula e Brizola no segundo turno sempre faz disparar o mercado do dólar e as Bolsas de Valores. Sílvio Santos foi um fator de tranquilidade que, vetado pelo TSE, pode agora fazer falta no período de estabilidade que Mailson pretende para este agitado final de governo.